



Sonhar é Resistir: Juventudes Negras, Circulação Midiática e Pedagogias de Morte e Resistência na Maré¹

Dreaming is Resisting: Black Youth, Media Circulation and Pedagogies of Death and Resistance in Maré

Henrique Ferreira da Silva

Thaís Souza Dias

Palavras-chave: Circulação Midiática; Necropolítica; Juventudes Negras.

1. Introdução

As favelas brasileiras, historicamente marcadas pela desigualdade estrutural e pela precarização das condições de vida, configuram-se como territórios onde a necropolítica, segundo Mbembe (2018), se expressa de forma contundente. A lógica de Estado, que define quem pode viver e quem deve morrer, torna-se evidente na rotina de violência policial, nas condições de moradia insalubres e na marginalização absoluta de amplos contingentes de população negra. No entanto, estes mesmos espaços também são *lócus* de inovações sociais e práticas de resistência que desafiam a produção sistemática da morte, gerando o que Silva (2024) denominou pedagogias de morte e resistência. Enquanto as pedagogias de morte naturalizam a exclusão, invisibilidade e apagamento da população negra, as práticas de resistência mobilizam narrativas de potência, solidariedade e criação de futuros alternativos. É nesse entrelaçamento entre

¹ Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.



vida e linguagem que a comunicação se apresenta como aporte estratégico, onde o simbólico opera disputas pelo direito de existir e sonhar.

Neste contexto, o coletivo Redes da Maré tem se destacado por utilizar práticas de circulação midiática e midiatização como ferramentas de transformação cultural - para tanto, entendemos o conceito de midiatização como “um processo de mudanças qualitativas em termos de configuração social por efeito da articulação da tecnologia eletrônica com a vida humana” (Sodré, 2017, p. 109) Em consonância, Grohmann (2020), aponta que a circulação midiática, na perspectiva comunicacional, trata-se principalmente da circulação de sentidos discursivos. Para tratar do objeto definido, cabe salientar quando este sinaliza o conceito se refere a:

[...] maneiras de produzir e consumir idéias, mercadorias e espaços, inclusive com determinados rituais, não somente midiáticos ou de consumo, mas de circulação, isto é, fazer circular determinadas formas culturais, produzindo e/ou modificando vínculos de sentido entre sujeitos e instituições” (Grohmann, 2020).

Entendendo a comunicação como um lugar de produção do comum e, neste sentido, “estratégico para a construção de identidades e resistência pelas populações negras” (Campos, 2023), vemos, a partir da produção e difusão de conteúdos audiovisuais, como o coletivo articula práticas de mediação que reconfiguram as narrativas hegemônicas sobre a juventude negra periférica. Este estudo analisa o vídeo “*É preciso estar vivo para viver*”, no qual moradores da Maré compartilham seus sonhos e projetam trajetórias de vida. Busca-se compreender como esses signos circulantes tensionam as pedagogias de morte e ativam noções de resistência, expandindo horizontes de sociabilidade, reescrevendo imaginários subalternizados.

Essa resistência, através da presença midiática, trabalha na propagação de formas culturais através do imaginário que, ao mesmo tempo em que reforça estigmas, também pode ativar novos modos de conhecer/narrar o mundo (La Rocca, p. 60, 2023).



Em *Antropológica do Espelho* (2002), embora reconheça a mídia como um instrumento de dominação, fundamentada no poder de quem detém o discurso, Sodré também a percebe como um espaço de criação simbólica e construção de subjetividades coletivas. Para ele, a mídia é mais do que reprodução de conteúdo, é um “espelho” que reflete e, simultaneamente, molda a realidade social. Assim, é possível compreender a relação de mídia e imaginário, como uma inquietação constante de aspectos culturais e de construção de conhecimento, na concepção de novas dinâmicas relacionais.

2. Metodologia

Este estudo adota a perspectiva da midiatização e busca analisar o processo de circulação midiática do vídeo intitulado “*É Preciso Estar Vivo Para Viver*” e verificar como este circula e constitui imaginários sobre ser/estar negro em áreas necropolíticas. A partir da análise comunicacional, o foco desloca-se do conteúdo em si para os modos como ele circula, mobiliza afetos e produz realidades. A coleta inicial reuniu a pesquisa sobre eixos de atuação da Redes da Maré, para posteriormente chegar no objeto tensionado. A análise organiza-se em entender as formas pelas quais vozes negras produzem/circulam contra narrativas e afirmam futuros possíveis. Esse delineamento permite compreender não apenas o conteúdo audiovisual, mas também os mecanismos de circulação e ressignificação que sustentam disputas simbólicas sobre vida, morte e resistência na periferia.

3. Contextualização do material empírico

O coletivo Redes da Maré foi fundado em 2015 com o objetivo de potencializar vozes e práticas culturais da Maré. Sua atuação se desdobra em eixos de comunicação comunitária, educação popular e mobilização social. O vídeo “*É preciso estar vivo para viver*”, postado na plataforma do Youtube em 13 de dezembro de 2021 - tendo como



métricas visíveis 884 visualizações, 62 curtidas e 7 comentários - exemplifica a estratégia de mobilizar afetos e narrar futuros: em cenas que alternam falas emocionais com imagens do cotidiano da favela, a produção cria um diálogo entre o desejo individual e o projeto coletivo.

Do ponto de vista semiótico, o vídeo utiliza recursos de linguagem visual e sonora para construir empatia e identificação. Planos médios que capturam expressões faciais, montagem rítmica que associa fala e paisagem urbana, e trilha sonora original composta por artistas locais são elementos que reforçam a assertividade da mensagem. Nesse sentido, a produção também opera no campo do imaginário, ativando formas culturais que escapam da lógica hegemônica e projetam novos modos de ver, sentir e narrar o mundo. Como destaca Maffesoli (2001), o imaginário configura uma nova forma de narração coletiva — e é justamente isso que se vê na articulação entre narrativa, linguagem visual e subjetividade no vídeo.

Além disso, pode-se inferir que a circulação desse vídeo em redes sociais digitais desencadeia processos de articulação intercomunitária. Comentários, compartilhamentos e debates online evidenciam que a mensagem ultrapassa fronteiras locais, conectando atores de diferentes territórios. Assim, entende-se que o Redes da Maré atua como mediador de subjetividades plurais, contribuindo para a emergência de uma esfera pública descentralizada.

4 Discussão e resultados

4.1 Necropolítica, pedagogias de morte e resistência

Mbembe (2018) define necropolítica como o poder que determina quem é considerado digno de viver e quem pode ser descartado. Nas periferias brasileiras, essa lógica manifesta-se, por exemplo, por meio de operações policiais, políticas públicas de remoção forçada e abandono estatal de serviços essenciais. Tais práticas configuram aquilo que Silva (2024), ao analisar matérias jornalísticas sobre o assassinato de jovens



negros no Rio de Janeiro, concebe como pedagogias de morte: processos discursivos e materiais que ensinam, de maneira sistêmica, a naturalização da violência, da vulnerabilidade extrema e da ausência de futuro para as juventudes negras. Paralelamente, a mídia hegemônica reproduz essas pedagogias ao enquadrar jovens negros como agentes de risco, reforçando estereótipos criminais e legitimando o racismo estrutural (Almeida, 2018; Silva, 2024).

Entretanto, a resistência emerge em múltiplos níveis. Silva (2024) argumenta ainda que as pedagogias de resistência se constituem em práticas simbólicas, políticas e comunicacionais que afirmam o direito à vida, ao sonho e à narrativa própria. Ou seja, nas favelas, o ato de sonhar torna-se um gesto de insurgência contra os meandros do necropoder, pois reafirma o potencial criativo dos sujeitos e sua capacidade de imaginar novos cenários de existência.

4.2 Juventudes negras e a disputa pela circulação midiática

A representação midiática dominante das juventudes negras periféricas, pautada em estigmas de violência e criminalidade, perpetua a lógica de exclusão e alimenta as pedagogias de morte (Collins, 2019; Hall, 1997; Silva, 2024). Essas representações reduzem os sujeitos a corpos descartáveis, sem possibilidade de projeto de vida. Em resposta, coletivos de comunicação de favela, como o Redes da Maré, ressignificam os processos de midiática ao adotar práticas narrativas que reivindicam protagonismo e dignidade. Tais práticas reconhecem o papel da mídia na formação da realidade social e na viabilização de contra narrativas.

Ao se apropriar de plataformas digitais (YouTube, Instagram, Facebook), o Redes da Maré potencializa a articulação de redes de solidariedade e expande o alcance de suas mensagens. Por meio de depoimentos, os moradores da Maré apresentam diferentes facetas de suas identidades e sonhos com os quais convivem: **“Eu queria um mundo melhor que acabe esse racismo dentro da comunidade”**; **“O meu sonho... é**



poder terminar minha casa”; “parasse os tiroteios, percebessem que alguns tiroteios... de vez em quando eles começam a mirar... [...] as vezes eles podem atirar em pessoas erradas”. Este movimento não apenas denuncia injustiças, mas também cria espaços de afeto e reconhecimento mútuo, fortalecendo o pertencimento comunitário e resistindo ao apagamento simbólico.

4.3 Mediações comunicativas, resistência e mundos possíveis

As mediações comunicativas promovidas pelo Redes da Maré configuram-se como práticas que articulam saberes locais e tecnologias midiáticas. Não apenas veiculando mensagens, mas transformando o próprio território comunicacional, evidenciando a favela como espaço produtor de sentidos e disputas epistemológicas. Conforme Martín-Barbero (2009), a mediação é um espaço de negociação simbólica onde se processam convergências e conflitos culturais. Na Maré, essa mediação ocorre em coletivos que combinam a linguagem oral das rodas de conversa, a performance estética de manifestações artísticas e a lógica digital das plataformas online. Por meio desta articulação, emergem mundos possíveis: narrativas que reconhecem a complexidade da vida periférica e afirmam alternativas de existência. Esses mundos não são utopias distantes, mas projeções de futuro que se constroem a partir do presente. A circulação midiática, ao conectar histórias de vida, produz conscientização e empoderamento - ingredientes fundamentais para o desmonte das pedagogias de morte.

5. Apontamentos à guisa de conclusão

O presente estudo demonstrou que o vídeo “*É preciso estar vivo para viver*”, do coletivo Redes da Maré, atua como meio para se pensar práticas de resistência, tensionando as pedagogias de morte que atuam nas favelas. A análise evidenciou que a



circulação midiática, ao dar voz aos sonhos dos corpos negros, reconfigura identidades e amplia horizontes de possibilidades.

Em um cenário de crise civilizatória e aprofundamento das desigualdades, práticas de comunicação como as adotadas pelo Redes da Maré mostram que resistir implica, fundamentalmente, sonhar e narrar. Ao tornar público o desejo de vida, os corpos ali representados transformam este momento em uma arena de afirmação da existência. A comunicação, em última instância, opera como espaço de disputas simbólicas, em que sentidos diversos se confrontam, abrindo brechas para a projeção de futuros e ressignificação do presente.

Referências

ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2018.

CAMPOS, D. M. C. de. Entre tradição e contramodernidade: proposta de um modelo para a investigação do atravessamento da circulação midiática e da circularidade do afro na diáspora. In: SILVA, Juremir Machado da; TIETZMANN, Roberto; HOHLFELDT, Antonio; GUTFREIND, Cristiane Freitas (orgs.). Redes de pesquisa - Comunicação em Perspectiva. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2023. p. 271-288.

COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

GROHMANN, R. O que é circulação na comunicação? Dimensões Epistemológicas. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 27, p. 1-13, jan-dez. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/35881/26276>. Acesso em: 22. abr. 2024.

HALL, S. "Representation: Cultural Representations and Signifying Practices". London: Sage, 1997.

LA ROCCA, F. A imagem compartilhada: forma arquetípica e cultura na experiência cotidiana. In: REDES DE PESQUISA: comunicação em perspectiva. São Paulo: [Nome da editora], 2023. p. 59-80.



MAFFESOLI, M. (2001). Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. Revista FAMECOS, 8(15), 74–82.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MBEMBE, A. Necropolítica. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, n. 34, p. 287–324, 2008.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2017.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. In: LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 3-44.

REDES DA MARÉ. É preciso estar vivo para viver. [S.l.]: YouTube, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ap9ZwX8gw74>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SILVA, H. F. da. Pedagogias de morte e resistência: racismo, necropolítica, juventudes negras e violência policial no Rio de Janeiro a partir do portal de notícias G1. 2024. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2024.

SODRÉ, M. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.